



UM ENSAIO SOBRE UM MÉTODO HERMENÊUTICO A PARTIR DE VILÉM FLUSSER

An essay on a hermeneutic method based on Vilém Flusser

Un ensayo sobre un método hermenéutico basado en Vilém Flusser

Tadeu Rodrigues Iuama

Professor em cursos de graduação do Centro Universitário Belas Artes e
na Universidade de Sorocaba
tadeu.rodrigues.iuama@gmail.com

Míriam Cristina Carlos Silva

Professora no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da
Universidade de Sorocaba
miriam.silva@prof.uniso.br

Resumo

O presente texto, de caráter ensaístico, visa dialogar sobre um possível método para pesquisas de natureza hermenêutica. Para tanto, lança-se na leitura sistemática da obra do ensaísta tcheco-brasileiro Vilém Flusser (1920-1991) em busca de bases teóricas que possam dar suporte aos passos propostos para um método de interpretação de seu pensamento. Dito de outra maneira, o texto propõe um método hermenêutico a ser utilizado para acessar o pensamento flusseriano, mas que se dispõe a ser aplicado também em outros contextos comunicacionais. Dada a natureza do texto, utiliza-se de pesquisa bibliográfica. Como resultado, emerge uma metodologia multidimensional, que privilegia um olhar processual para os fenômenos comunicacionais, e envolve etapas conceituais, imaginativas e manipuladoras, a serem aplicadas ao tema estudado.

Palavras-chave: Comunicação. Hermenêutica. Vilém Flusser.

Abstract

This text, of an essayistic nature, aims to discuss a possible research method of a hermeneutic nature. For this purpose, it embarks on a systematic reading of the work of the Czech-Brazilian essayist Vilém Flusser (1920-1991) in search of theoretical bases that can support the steps proposed for a method of interpreting his thinking. In other words, the text proposes a hermeneutic method to be used to access Flusserian thought, but which is also willing to be applied in other communicational contexts. Given the nature of the text, bibliographic research is used. As a result, a multidimensional methodology emerges, which favors a procedural look at communicational phenomena, and involves conceptual, imaginative and manipulative steps, to be applied to the studied theme.

Key words: Communication. Hermeneutics. Vilém Flusser.

Resumen



El presente texto, de carácter ensayístico, tiene como objetivo discutir un posible método de investigación hermenéutica. Por tanto, se lanza a una lectura sistemática de la obra del ensayista checo-brasileño Vilém Flusser (1920-1991) en busca de bases teóricas que puedan sustentar los pasos propuestos para un método de interpretación de su pensamiento. Es decir, el texto propone un método hermenéutico para acceder al pensamiento flusseriano, pero que también está disponible para ser aplicado en otros contextos comunicacionales. Dada la naturaleza del texto, se utiliza la investigación bibliográfica. Como resultado, surge una metodología multidimensional, que privilegia una mirada procedimental a los fenómenos comunicacionales, e involucra pasos conceptuales, imaginativos y manipuladores, para ser aplicados al tema estudiado.

Palabras clave: Comunicación. Hermenéutica. Vilem Flusser.

1 PARTIDA

Vilém Flusser é um autor labiríntico e, talvez por isso mesmo, fascinante. Nascido em Praga (à época, capital da Tchecoslováquia), de origem judia, Flusser veio para o Brasil fugindo da investida nazista em sua terra natal. Viveu aqui por cerca de três décadas, mudando-se em seguida para a França.

Essa condição migratória, tanto de nacionalidades quanto de idiomas, o fez refletir sobre a condição desterrada – no alemão, *Bodenlos*, que dá nome à sua autobiografia (FLUSSER, 2007c) – de seu pensamento.

O perspectivismo radical adotado pelo autor, ora descrito como “filosofar de cima”, como se filósofos fossem peças em um tabuleiro de xadrez (FLUSSER, 2007c, p. 57), ora como um método sofisticado-lúdico tributário ao talmúdico *Pilpul*, é caracterizado por “consistir em jogo de proposições que funcionam como lances, e que visam ganhar uma partida” (FLUSSER, 2014b, p. 172).

Oscilou entre diferentes referenciais teóricos (recorrentemente não referenciados em suas obras). A lista, extensa e inabarcável em sua completude, envolve nomes como Martin Buber (que foi a inspiração, após uma palestra, para que Flusser se matriculasse em uma graduação em Filosofia, ainda na Tchecoslováquia), Edmund Husserl, Martin Heidegger, Ludwig Wittgenstein, Anatol Rapoport, Johan Huizinga, Oswald de Andrade, Hannah Arendt, Gaston Bachelard, Jean Baudrillard (de quem foi amigo), Sören Kierkegaard, José Ortega y Gasset e Gershom Scholem, para citar alguns.

Assim, Flusser propôs diferentes olhares em suas reflexões: ora mais próximo da linguística, ora da fenomenologia, ora da tecnologia, ora da cultura, ora do existencialismo.

Para ler Vilém Flusser, por vezes nos parece que são necessários mapas, como aquele fornecido por Menezes (2010), ao qual tributamos o presente texto. Mais de trinta mil páginas

foram datilografadas por Flusser (ARQUIVO, s.d.), em pelo menos quatro idiomas (português, alemão, francês e inglês). Dessas trinta mil páginas, um total de vinte livros foram publicados, mas muitos textos permanecem inéditos ao grande público, apesar de esforços para a divulgação da obra do ensaísta. Soma-se a isso a barreira linguística: absorver a completude do pensamento flusseriano envolve o domínio de pelo menos quatro idiomas.

Por conta disso, toda pesquisa envolvendo Flusser é, por padrão, lacunar – uma condição da qual não nos excluimos. Mais ainda, existe uma dificuldade em interpretar a totalidade do pensamento flusseriano: publicada de maneira não-sistemática e fragmentada, cadeias de raciocínio da sua obra são perdidas numa primeira leitura, exigindo um esforço por parte dos leitores para encaixar peças de um quebra-cabeças.

Daí a questão que nos move: como parte de uma pesquisa mais ampla de pós-doutoramento, que visou sistematizar um conceito disperso pela obra de Flusser - o conceito de jogo -, precisávamos de um método de interpretação que abarcasse tal dispersão. Pareceu-nos adequado, e daí nosso objetivo nesse artigo, elaborar um método a partir dos próprios conceitos de Flusser.

A justificativa para isso se deu pelas idiosincrasias do pensamento flusseriano. Ensaísta (FLUSSER, 1998a; KÜNSCH; MENEZES, 2016), Flusser advogou pela implicação do sujeito no tema estudado, em oposição à explicação com suposta neutralidade. Mais do que isso, a própria Comunicologia (como nomeou o Estudo das Comunicações Humanas) seria, por excelência, uma ciência do espírito (FLUSSER, 2007a; 2007c; 2014a): e, por isso, também destinada à interpretação, e não à explicação. Por fim, como se trata de um autor já finado, é importante frisar que Flusser (2002) defendeu que, com a morte de um autor, o sentido de sua obra migra do autor para o leitor: uma vez que o autor já não está mais disponível para explicar os sentidos, cabe ao leitor somente interpretá-los.

Destarte, o presente texto é resultado do nosso processo, com suas limitações e eventuais falhas, de implicação no pensamento flusseriano. Isso porque sentimos que uma pesquisa situada no âmbito das teorias da comunicação, ao se implicar na obra flusseriana e interpretá-la, envolve espiritualizar: assumir que quando alguém nos sopra (que para os helênicos era sinônimo de espírito) ao ouvido, dependendo de quem se trata e do quanto estejamos implicados com esse alguém, o corpo entre em alerta: o sinal é o arpejo. Somos seduzidos. Perdemos-nos para nos encontrar no (com o) outro. Quando se chega a esse ponto, entregar-se ao autor e àquilo que o sopra produz em nós é algo inescapável.

De um ponto de vista mais pragmático, amparamo-nos na pesquisa bibliográfica (STUMPF, 2010) – dada a própria natureza da investigação –, e propomos um método a partir da *escalada da abstração*, elaboração de Flusser que nos parece uma hipótese salutar para auxiliar na criação de um método que nos leve a uma interpretação possível – aqui, é importante frisar que jamais se pretende como única resposta verdadeira – dos escritos do autor. Reforçamos ainda que tal proposta de método não se restringe ao estudo de Flusser, podendo vir a ser aplicado em outros contextos.

2 SEGURANDO, COM FORÇA E LEVEZA, O NOVELO DE ARIADNE

Optamos por imaginar se seria possível desenvolver uma hermenêutica flusseriana – pensador que se ocupou, prioritariamente, em estudar as configurações da comunicação humana. Por isso, sobretudo, trata-se de um trabalho especulativo, um “exercício da possibilidade” que, como nos ensinou Oswald de Andrade (2011, p. 71), é aquilo que o Direito visa garantir.

“Provavelmente Flusser ainda será estudado como um hábil construtor de cenários”, aponta Menezes (2009, p. 176). Esse será o novelo de Ariadne deste artigo, o fio condutor que nos guiará pelo labirinto em que propomos nos aventurar. Mas, antes da partida, as regras do jogo: dentre os temas abordados transversalmente no decorrer da obra de Flusser, um dos que se destacam é a *escalada da abstração*. Sinteticamente, abstração seria o processo contínuo e progressivo de afastamento entre o pensamento e a realidade. O ser humano performa quatro distintos gestos que abstraem dimensões do mundo.

“A manipulação é o gesto primordial; graças a ele, o homem abstrai o tempo do mundo concreto e transforma a si mesmo em ente abstraidor, isto é, em homem propriamente dito” (FLUSSER, 2019b, p. 10). A completude do mundo é fragmentada, dividida em circunstâncias. Quando o ser humano manipula algo do mundo, aquilo deixa de ser *o mundo* e passa a ser *um objeto*. Com esse gesto, passamos a nos perceber como cercados por objetos. A completude do mundo se esvai com a retirada de um determinado objeto do fluxo do tempo. A pedra do rio retirada jamais voltará a ser parte do rio, no movimento de uma margem à outra. Tornamo-nos, com isso, a *terceira margem* – para homenagear Guimarães Rosa, autor por quem Flusser nutria apreço, e com o qual dialogava.

“A visão é o segundo gesto a abstrair (abstrai a profundidade da circunstância); graças a ele, o homem transforma a si próprio em *homo sapiens*, ou seja, em ente que age conforme projeto” (FLUSSER, 2019b, p. 11). O que era tridimensional (o objeto) passa a ser

bidimensional (a imagem). Na intenção de entender melhor o mundo, afastamo-nos mais um passo dele. Se manipular (retirar do tempo) permitia apreender melhor um objeto, ver (retirar da profundidade) permite apreender melhor a relação entre os objetos. O mundo, que já não era mundo e sim circunstância, passa a ser percebido como cena. Para cada direção que olhamos, uma nova cena surge. Com isso, passamos a conseguir criar cenas – imaginar. Fazemos isso para nós mesmos (a imaginação, no uso corrente do termo), assim como fazemos para os outros. Ao perceber relações possíveis entre objetos, desenvolvemos a necessidade de transmitir tais relações para os outros. Criamos imagens, cenas gravadas sobre uma superfície, para que outras pessoas possam ver relações entre diferentes objetos.

Nesse momento, irrompe a primeira percepção de tempo humana: a circularidade. Como as relações entre os objetos de uma imagem não existem numa ordem pré-estabelecida, uma miríade de relações se torna possível a cada um que percebe, em cada vez que percebe. Tamanha é a complexidade das relações possíveis nas imagens, que o ser humano se vê absorvido por elas: a imagem era um mapa possível para o mundo; com a inversão de vetores ocasionada pela absorção do humano pelas imagens, o mundo passa a ser confirmação possível para a imagem. Não olhamos para a imagem para entender o mundo, e sim buscamos no mundo confirmação para as relações que percebemos nas imagens. Com essa inversão, emerge a necessidade de evidenciar a relação entre os objetos pertinente às circunstâncias.

“Consequentemente, a conceituação é o terceiro gesto abstraidor (abstrai a largura da superfície); graças a ele, o homem transforma a si próprio em homem histórico, em ator que concebe o imaginado” (FLUSSER, 2019b, p. 11-12). De cenas, passamos a perceber processos – relações lineares unidimensionais entre objetos. A dúvida entre *o ovo e a galinha*, metáfora pertinente ao pensamento imaginativo, parece sanada. Com a devida conceituação, é apontada a lógica de causalidade entre os objetos. A maneira que a humanidade encontra para expressar o pensamento conceitual é o texto: linear, unilateral, causal e teleológico. Não por acaso, é com a escrita que inauguramos o período conhecido como História – afinal, seria impossível registrar uma percepção linear de tempo (o segundo modelo de temporalidade humana) sem antes possuir uma estrutura de pensamento adequada para tal.

Mas os conceitos, com o passar do tempo, tornam-se inimagináveis. A produção de conhecimento registrada pelo pensamento histórico é tamanha, que a densidade da escrita, conceitual, torna impossível a recuperação de volta para o estado anterior, a imagem. O pensamento conceitual, historicamente, passa a ser restrito a uma elite. Para o restante da população, é interessante que seja mantido um predomínio do pensamento imaginativo. Os

índices de pessoas letradas no decorrer do período que convencionamos chamar de História atestam a favor dessa afirmação.

Contudo, com o avanço da técnica (graças, em grande medida, ao pensamento conceitual), as pessoas letradas precisam ser instruídas em novas especialidades. Passa a ser interessante que o mundo volte a ser imaginável. Por meio dos conceitos, novas imagens são criadas. As linhas passam a ser divididas em pontos, zerodimensionais, capazes de serem remontados em estruturas que causam a sensação de bidimensionalidade. Uma nova inversão dos vetores ocorre: as imagens passam a ilustrar os textos, e os textos passam à condição subalterna de explicar as imagens.

“Em consequência, o cálculo e a computação são o quarto gesto abstraidor (abstrai o comprimento da linha), graças ao qual o homem transforma a si mesmo em jogador que calcula e computa o concebido” (FLUSSER, 2019b, p. 13). De processos, passamos a perceber mosaicos: possíveis montagens de conceitos. Entretanto, alerta Flusser, essas tecnoimagens, ou seja, simulacros de imagens construídos através da técnica, não mais apontam para o mundo. No lugar disso, iludem: parecem apontar para o mundo, tal qual as imagens, mas na verdade apontam para os conceitos que a criaram.

Daí nossa inquietação no presente ensaio: se abstração é o fenômeno de afastamento do mundo, a concretização (caminho inverso da abstração) se mostra como um caminho possível para desenvolvermos uma metodologia de interpretação flusseriana do pensamento. Mas existe um agravante.

Flusser era um construtor de cenários, na afirmação de Menezes, com a qual concordamos. Provavelmente, a obra mais famosa de Flusser nesse sentido é a descrição da anatomia, do mundo e da cultura de um animal até então praticamente desconhecido: a lula-vampira-do-inferno (FLUSSER; BEC, 2011). A *Vampyroteuthis* descrita por Flusser e ilustrada por Bec é um animal ficcional, um cenário construído a partir de uma premissa: *qual seria o mundo e a cultura de um animal que é nossa antípoda anatômica?* Contudo, essa prática não se resume às suas obras em que a roupagem ficcional é mais explícita. Ao escrever, Flusser “mostra mais que demonstra. Provoca mais que esclarece. Dribla mais que afirma. Alude mais que aponta. Suspende mais que pontifica” (KÜNSCH; MENEZES, 2016, p. 74). Demonstração disso pode ser vista no seguinte trecho d’*O universo das imagens técnicas*:

Creio que o método mais acessível para intuirmos a situação de nossos netos é o de procurar captar o fascínio crescente que emana dos terminais. Nossos netos serão gente que fitará terminais, portanto gente fascinada. Tudo que se passará às costas dessa gente acontecerá no horizonte de seu interesse. Por certo, nossos netos continuarão mamíferos e, como tal, terão “necessidades biológicas” que demandam satisfação, sobretudo terão de procriar e de se alimentar. Contudo, isso tudo se reduzirá ao mínimo e será devidamente robotizado. A procriação se desligará da libido, automatizada com *gadgets* do tipo “banco de espermas” e “incubadoras”. A alimentação será sintética e automaticamente administrada. As “infraestruturas econômicas e sexuais” serão minimizadas e empurradas para o horizonte do interesse, para as costas dos telespectadores. Essa gente emancipada em alto grau de sua condição mamífera, essa gente de corpo atrofiado, será possuída por avidez insaciável (se incorpórea) e viverá aventuras imaginárias sempre renovadas. Ela sugará ininterruptamente as situações improváveis, as informações que se derramarão sobre ela a partir dos terminais, e nisso se mostrará insaciável. Sua sucção, porém, não será meramente passiva. Tal gente disporá de teclados que permitirão às pontas dos dedos produzir, em conjunto com os demais participantes da sociedade, sonhos sempre mais aventureiros e sempre mais incríveis. Nossos netos serão possuídos por paixão ativa, por atividade apaixonante, por “calor frio” (para contrabandear, em tal descrição futurológica, terminologia McLuhaniana); nossos netos serão sonhadores ativos, “artistas puros e criativos” (FLUSSER, 2019b, p. 168-169).

Flusser, reiteramos, construía cenários. Se, a partir de seus textos, construiu cenários, *tecnoimaginou*. Destarte, os cenários por ele construídos não apontariam para o mundo, e sim para conceitos. E esse parece ser o Minotauro que habita esse labirinto. Uma tripla concretização: eis nossa estratégia. E, ao empregar o termo estratégia no contexto flusseriano, é importante frisar: uma estratégia do tipo três – jogar para mudar o jogo (FLUSSER, 1998b).

3 EVOCANDO PALÍNDROMOS

Se Flusser é um construtor de cenários, então o primeiro passo a ser tomado na nossa metodologia interpretativa é o que decidimos chamar de *concretização conceitual*. Que conceito(s) se esgueira(m) num determinado cenário flusseriano? Responder a essa pergunta pode parecer presa fácil para um leitor ocasional de Flusser mas, contraintuitivamente, torna-se mais difícil quanto mais se lê a obra do pensador tcheco-brasileiro. Isso porque Flusser, tal qual a *Vampyroteuthis* que descreve, é um autor pegajoso. Quanto mais se lê, mais se embrenha nos tentáculos de seu pensamento.

Escapa do objetivo no presente ensaio realizar uma exegese do trecho anteriormente citado. Para exaltar a sinceridade: temos sérias dúvidas se não escapa inclusive de nossa capacidade. Por isso nos limitamos a evidenciar um par de exemplos que conseguimos apreender e consideramos pertinentes para exemplificar nosso argumento. A partir desses

exemplos, permitimo-nos extrapolar para o restante do excerto, numa espécie de holograma, no qual a parte é detentora do todo. Flusser (apud Baitello Junior, 2010, p. 64-65), que afirmou num dos *Seminários do Celeiro*, promovidos por Harry Pross, que “já não existe nenhuma diferença entre uma maçã e o holograma de uma maçã”, provavelmente concordaria com o uso de tal extrapolação.

O primeiro exemplo é patente para leitores de Flusser: trata-se das noções de funcionário e aparelho¹, transversais na obra do autor. *Nossos netos serão gente que fitará terminais, portanto gente fascinada*, para um leitor familiarizado com as discussões recorrentes de Flusser, associará tal cenário com os conceitos de aparelho e de funcionário sem maiores dificuldades. O próprio livro de onde esse excerto se originou é, como um todo, uma discussão sobre tais conceitos. Mas outros fios compõem essa teia.

Tudo que se passará às costas dessa gente acontecerá no horizonte de seu interesse. A ênfase que damos a esse trecho é à palavra horizonte. Palavra que, quando colocada em interface com *Língua e Realidade* (FLUSSER, 2007b) remete a um conceito que representa a fronteira com o vazio/abismo/nada. Para Flusser (2007b), a língua (e, portanto, a realidade) é algo que se coloca entre dois horizontes: o vazio do eu e o vazio do mundo. Portanto, quando Flusser afirma que algo que acontece às costas dos *nossos netos* acontece no horizonte do interesse deles, o que ele poderia estar indicando é uma relação com o vazio. Ampliada a reflexão, trata-se de uma inversão de vetores com a concepção de língua vista em sua obra pregressa: em vez de fitarmos o nada em busca de palavras, para a geração dos *nossos netos*, o nada passa a acontecer às suas costas. Não mais contemplam o nada em busca de palavras. Contemplariam algo? Mistério que se abre.

Aparentemente não haveria mais um passado a ser lembrado, citado ou comemorado. Nada às costas, não haveria mais uma tradição a ser seguida. Haveria futuro, portanto? Sem nada às suas costas, nossos netos concretizariam, fascinados, imagens e mais imagens. Mapas que nunca se concretizarão? Se a imagem não encontra um real, não seria o mapa do próprio vazio? Um decalque de nada?

¹ Grosso modo, o aparelho flusseriano (2019a) diz respeito ao modelo hegemônico na sociedade contemporânea. Origina-se quando determinada categoria de máquinas, no lugar de produzir coisas (trabalhar), passa a produzir não coisas (informar). A sociedade se altera em função disso, passando ela também a ser organizada de acordo com o modelo de aparelho, regido por programas (estruturas que regulamentam o funcionamento). O indivíduo, nesse contexto, passa a funcionar em função dos aparelhos, ou seja, torna-se funcionário. Com isso, o modelo social (aparelho) e o indivíduo (funcionário) adotam uma perspectiva burocrata, tecnocrata, conformista e normativa em relação ao mundo.

Evocamos, com a etapa da *concretização conceitual*, nosso ímpeto ancestral. Um resgate ao uso dos olhos dado pelos nossos antepassados caçadores e coletores. Os cenários de Flusser, para o intérprete utilizador do método aqui proposto, são sempre metáforas das savanas dos nossos ascendentes que ainda sorviam *do* mundo, em vez de sorver *o* mundo. Como que às vésperas da estiagem, é importante caçar/coletar tudo que conseguirmos – sabendo que temos limitações e que sempre sobrar algum conceito para trás, tal como uma presa elusiva ou um fruto maduro que ficou escondido atrás da folhagem.

O que nos leva ao segundo passo. Chegada essa estiagem metafórica, ou seja, o momento em que a caça/coleta de conceitos não é mais possível (por conta da indisponibilidade de material adicional, fôlego do pesquisador, escassez de recursos para pesquisa, dentre outros motivos), é hora de, tal qual Flusser, colocar os óculos na testa. Afinal, olhar *para fora*, nesse momento, não é o foco. É tempo da *concretização imaginativa*: abandonar a relação entre os conceitos cristalizada no texto, e imaginar outras relações. Saímos do taxativo reino do *é*, para entrarmos nos campos do *pode ser*. Entramos no território das possibilidades. Será mesmo que o único encaixe possível da escalada da abstração seria o do abandono do corpo, tal qual nos aponta Baitello Junior (2010)? Será que não podemos pensar que, na escalada da abstração, o corpo permanece incólume e o que muda é só o pensamento, ou a linguagem? Se isso é uma possibilidade, poderíamos afirmar que a sensibilidade humana permanece, e o que muda é o que pensamos a partir dela. Ao nos referirmos a essa sensibilidade, pensamos justamente em uma sensibilidade erótica, corporal, acionada pela concretização das imagens que desfilam diante de nossos olhos e que podem nos lançar ao abismo do vazio, em vertigem e, mais uma vez, arrepio.

Contudo, essa etapa de *concretização imaginativa*, que potencialmente seria a mais prazerosa, mostra-se como um momento de grande tensão no meio acadêmico. Em primeiro lugar, porque a Academia é, paradoxalmente, um local predominantemente discursivo (FLUSSER, 2019a): privilegia-se a transmissão e o acúmulo de informações, em detrimento da produção de novas informações. Além disso, o meio científico é vítima da textolatria (FLUSSER, 2019a): o texto escrito, linear, é dominante e celebrado. Se não os textos, os números (arautos da zerodimensionalidade). Imaginar, ou seja, “compor e decifrar imagens” (FLUSSER, 2018), é um gesto continuamente e enfaticamente enfrentado (e não raro explicitamente combatido) pelo gueto acadêmico.

Por isso, desenhar outras relações possíveis entre as coisas não é algo aceito sem enfrentamento (e “afrontamento”). Levianamente, costuma ser entendido que a expressão de

outra relação possível é uma afronta a uma relação já estabelecida. Ocasionalmente, o conflito se dá num nível mais profundo: alguém tenta apontar que determinada relação está errada. Mas, no campo das possibilidades, não existe relação causal – o pensamento imaginativo é, como denomina Flusser (2019b), mágico. Se mágico, não deveria ser submetido ao julgamento histórico. Exercício da possibilidade. Nesse sentido, é possível perceber nossos netos (ou seríamos nós mesmos os “netos” de Flusser?), com o vazio às costas, propondo o renascimento da magia e o fim da história. Em outras palavras, não se trata de pensar em termos de certo e errado, em relação ao que o autor havia pensado originalmente. Ao contrário, a intenção é justamente propor outros encaixes que não os apontados pelo autor. Num termo mais próximo do pensamento de Flusser (2018), *desprogramar* o autor.

Daí nosso próximo passo, a *concretização manipuladora*. Flusser (2002, p. 114), falecido em 1991, entrega-nos uma possível chave:

A obra de um pensador jorra do seu intelecto sob alta pressão, impelida rumo à realização pela força concentrada do potencial latente nesse intelecto. [...] Mas se o pensador morreu, recebem as suas frases como obuses que explodem dentro dos intelectos receptores para continuarem a realizar-se. Toda frase de obra de pensador vivo aponta, portanto, em sua busca de perfeição, o intelecto que a gerou, e toda frase de obra de pensador morto aponta o intelecto que a recebe. [...] O último significado da obra é deslocado, pela morte, do intelecto do autor para os intelectos dos seus interlocutores.

Chegar no que Flusser quis dizer, de fato, é impossível. Não podemos mais perguntar a ele, tirar nossas dúvidas. Mas podemos interpretar. Podemos nos implicar no texto. Deslocar o centro de gravidade do texto em nossa direção. Para isso, é de suma importância esclarecer quem interpreta. Por que interpreta. De onde, e quando, interpreta. Aqui, estamos num entrelugar, dos mais interessantes: onde as fronteiras entre o objetivo e o subjetivo se esgarçam. Se os dois horizontes da língua são o eu e o mundo (FLUSSER, 2007b), a objetividade pura e a subjetividade pura são estandartes do nada. Não é possível que se chegue ao *Flusser puro*, sem nossas interferências, intercâmbios e interpretações. É provável que esse estado puro do pensamento flusseriano sequer exista, pois se trata de um *bodenlos*, um poliglota cuja tônica se tornou traduzir (se), de cultura em cultura, língua em língua. Mas também não é possível que se chegue, nunca mais, no *eu puro*, aquele sujeito que não sofreu interferência da leitura de um determinado autor. Quando falamos sobre um autor (Flusser, no caso desse artigo), falamos inevitavelmente sobre nós. A cisão não é mais possível (se é que

algum dia foi), pois devoramos o autor, que agora habita em nós. Dialeticamente, o que chamamos de nós também não é mais igual, pois foi alterado pela ingestão do autor. Antropofagia, na perspectiva do brasileiro Oswald de Andrade (também devorado por Flusser), devoração crítica dos valores do outro.

“Morte e vida das hipóteses. Da equação *eu* parte do *Kosmos* ao axioma *Kosmos* parte do *eu*. Subsistência. Conhecimento. Antropofagia” (ANDRADE, 2011, p. 70). Mas é importante que isso fique claro. O erro, se é que existe tal palavra, está na presunção de afirmar que *Flusser disse que* – no máximo, podemos é afirmar que *nós interpretamos em Flusser que*. Projeto (FLUSSER, 2019b) de intersubjetividade (FLUSSER, 2019a): lançamo-nos nessa praia que une o eu e o outro. Que, aliás, é emblemático que seja chamado de nós – no nosso idioma, tanto a soma de eu e o outro quanto um laço apertado, que une. Teremos, assim, um diálogo, uma conversação (FLUSSER, 1998a; 1998b; 2002; 2007a; 2007b; 2011; 2018; 2019a; 2019b): encontramos um território comum, a ponto de permitir a comunicação, entre nós e o autor; mas também buscamos pelos bolsões da diferença, a ponto de permitir a informação. O resultado, esperamos (esse misto de paciência e esperança que a língua portuguesa permite), é a produção de algo novo. Traduzimos o autor, mas em palimpsestos: ao se impregnar na pesquisa, o pesquisador concebe um novo pensamento, semeado pelo pesquisado.

Mas, como a vida é feita de contradições, é hora de abstrair de novo. Permanecer nesse suposto estado adâmico não é uma possibilidade. Só que, dessa vez, não caímos do Paraíso: jogamo-nos. Deliberadamente, exercemos nossa liberdade: nosso exercício da escolha (FLUSSER, 2019a). Voltamos a abstrair, e nos projetamos na direção da escrita linear – modo de conhecimento escolhido pela Academia. Afinal, não devemos nos ater ao conforto do diálogo guetificado, prática elitista. O fruto de todo diálogo, como nos ensina Flusser (2019a), deve ser um novo discurso. Discursamos. Escrevemos ensaios, como este – embora concordemos com Flusser, a propensão ao diálogo e à abertura, nos ensaios, é um sopro no ouvido da academia - arrepio. Mas tendo sempre em mente que essa não deverá ser uma pá de cal no assunto e, portanto, conversa fiada (FLUSSER, 2007b), ou seja, um processo que se pretende um diálogo entre diferentes discursos, mas que não possui capacidade de síntese – surgimento de ideias novas. Deve, no lugar disso, ser uma nova peça a ser integrada ao repertório de possibilidades para o desenvolvimento de novos mosaicos (FLUSSER, 2019a). Poesia: a realização de um novo pensamento possível (FLUSSER, 2007b).

Nesse sentido, é pertinente lembrar que Flusser era enfático em não citar autores – exceto, talvez, em sua autobiografia (FLUSSER, 2007c), na qual mais citações aparecem, auxiliando-nos a compreender o quanto a reconstrução da vida de Flusser em narrativa é uma recomposição de “nós”, a explicitação de um tecer que se fez sempre pela provocação e diálogo. Justificava não os mencionar por conta das “deformações contínuas que os meus interlocutores sofrem no curso das meditações” (FLUSSER, 2012, p. 17). É justamente essas deformações contínuas que nos interessam. Poesia, para Flusser (2007b) era o processo do pensamento (ou da linguagem – sinônimos para o autor) tatear o vazio em busca de elementos nunca antes pensados. Como, com a morte do autor, o vetor de significação de um texto se altera, passando a indicar o leitor, apontamos que a atividade de buscar um método de interpretação nesses casos é atividade poética: tatear o vazio, em busca de pensamentos. Exercício da possibilidade.

4 PARTILHA

“E, se prestarmos atenção, verificaremos que outros desbravadores estão aqui conosco, brandindo machetes diferentes do nosso, mas empenhados na mesma tarefa de conquistar o futuro. É essa sensação de estarmos aqui [...] em companhia de outros, embora talvez ainda não em conversação autêntica com eles, que nos permite profetizar uma continuação da curva com tendência ascendente.”

- Vilém Flusser

Concretizar. Eis o termo que resume nossa proposta, aqui já em suas considerações, que optamos por nomear de partilha. Mas o que nos propomos a concretizar? A abstração conceitual tratada pelo autor que nos guiou? Pontes para traçar conversações com outros desbravadores? Um método para construir mosaicos numa obra fragmentada e fragmentária?

Em alguma medida, contemplamos nuances dessas questões apontadas. Desenvolver profundamente cada uma delas certamente é trabalho de uma vida. Por isso nos aventuramos numa tarefa mais condizente com nossa capacidade atual: a de concretizar uma possibilidade. Esse foi o mote de toda a elaboração do texto. A pergunta que nos fizemos, e agora expressamos, é a seguinte: *é possível* pensar em um método hermenêutico para a leitura de Flusser? No presente ensaio, fruto de nossa implicação no tema, pensamos ter respondido positivamente à questão. A ênfase, nunca é demais frisar, é na possibilidade: em nenhum momento, problematizamos a questão se o autor era ou não favorável ao uso da hermenêutica

como método. Em outros termos, não queremos afirmar que o que Flusser realizou em sua obra pode (ou não) ser chamado de hermenêutica. Pelo contrário: buscamos aplicar raciocínio similar às abstrações flusserianas – objeto, imagem, conceito, tecnoimagem – para, a partir disso, propor um método hermenêutico.

Defendemos que tal método não é restrito ao uso na obra de Flusser, de maneira que futuros trabalhos se apresentam no horizonte, a fim de aplicar tal proposta a outros temas. Contudo, uma vez balizado nos conceitos do ensaísta *bodenlos*, as pesquisas tributárias dessa proposta metodológica sempre terão sabor (ou episteme, caso optemos por um termo menos concreto) flusseriano.

Um método que tem o arrepio por ponto de partida: aquela sensação de que algo nos sopra, nos toca o espírito. Um método contraindicado para pesquisas que defendem o (suposto) afastamento do pesquisador, a (impossível) neutralidade científica e a (asquerosa) isenção social da pesquisa. Mas indicado para pesquisas intersubjetivas, em que termos como objeto e sujeito são menos importantes do que as relações entre nós. Adequado para ciências, de fato, humanas.

Sinteticamente, defendemos que, após esse arrepio, três etapas de concretização se sucedem: conceitual, imaginativa e manipuladora. Na conceitual, celebramos nossos antepassados caçadores/coletores, buscando por conceitos subjacentes aos pensamentos projetados pelo autor. Na imaginativa, acionamos nosso olho da mente, traçando possíveis relações criativas entre os conceitos caçados/coletados anteriormente. Na manipuladora, é hora de se implicar explicitamente na confecção de um novo pensamento: somar nossas impressões naquilo que já está impresso.

Mas nada disso adianta se deixado numa gaveta, ou num cavalete que se deixa empoeirar num porão escuro. É preciso partilhar. À toda partida bem-sucedida, deve corresponder uma partilha. Publicar, como apontaria (quase obstinadamente) Flusser: tornar pública a informação que processamos privadamente. Não para atender às demandas capciosas que se avultam (aviltam?) na vida dos pesquisadores. Publicar para provocar, chamar ao diálogo. Questionar o estabelecido. Propor o inusitado. Contribuir, com seus limites e à sua maneira, para que o mundo se torne menos inimaginável. Que volte a ser *terra incógnita*: local que até permite explicações, mas que permite muito mais interpretações. Pois, em suma, é isso que argumentamos: talvez, precisemos voltar a ter mais espaço para nos implicarmos em nossos autores, mais do que os explicarmos. No caso desse ensaio, para interpretar Vilém Flusser.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Oswald de. Manifesto Antropófago. In: ANDRADE, Oswald de. **A utopia antropofágica**. São Paulo: Globo, 2011, p. 67-74.
- ARQUIVO Vilém Flusser São Paulo. **História**. Disponível em: <https://cutt.ly/CIYx358>. Acesso em: 26 fev. 2021.
- BAITELLO JUNIOR, Norval. **A serpente, a maçã e o holograma**: esboços para uma teoria da mídia. São Paulo: Paulus, 2010.
- FLUSSER, Vilém. **Ficções Filosóficas**. São Paulo: EDUSP, 1998a.
- FLUSSER, Vilém. **Fenomenologia do brasileiro**. Rio de Janeiro: Eduerj, 1998b.
- FLUSSER, Vilém. **Da religiosidade**: a literatura e o senso de realidade. São Paulo: Escrituras, 2002.
- FLUSSER, Vilém. **O mundo codificado**: por uma filosofia do design e da comunicação. São Paulo: Cosac Naify, 2007a.
- FLUSSER, Vilém. **Língua e realidade**. São Paulo: Annablume, 2007b.
- FLUSSER, Vilém. **Bodenlos**: uma autobiografia filosófica. São Paulo: Annablume, 2007c.
- FLUSSER, Vilém; BEC, Louis. **Vampyroteuthis infernalis**. São Paulo: Annablume, 2011.
- FLUSSER, Vilém. **A história do diabo**. São Paulo: Annablume, 2012.
- FLUSSER, Vilém. **Comunicologia**: reflexões sobre o futuro: as conferências de Bochum. São Paulo: Martins Fontes, 2014a.
- FLUSSER, Vilém. **Ser Judeu**. São Paulo: Annablume, 2014b.
- FLUSSER, Vilém. **Filosofia da caixa preta**: ensaios para uma filosofia da fotografia. São Paulo: É Realizações, 2018.
- FLUSSER, Vilém. **Pós-história**: vinte instantâneos e um modo de usar. São Paulo: É Realizações, 2019a.
- FLUSSER, Vilém. **Elogio da superficialidade**: o universo das imagens técnicas. São Paulo: É Realizações, 2019b.
- KÜNSCH, Dimas Antônio; MENEZES, José Eugenio de Oliveira. Ficção filosófica, ensaio e compreensão em Vilém Flusser. **Líbero**, v. 19, n. 37-A, jul. – dez. 2016, p. 71-80. Disponível em: <https://bit.ly/2XJQHsB>. Acesso em: 9 ago. 2020.
- MENEZES, José Eugenio de Oliveira. Comunicação, espaço e tempo: Vilém Flusser e os processos de vinculação. **Comunicação, mídia e consumo**, v. 6, n. 15, mar. 2009, p. 165-182. Disponível em: <https://bit.ly/3483Lvt>. Acesso em: 18 out. 2020.
- MENEZES, José Eugenio de Oliveira. Para ler Vilém Flusser. **Líbero**, v. 13, n. 25, jun. 2010, p. 19-30. Disponível em: <https://bit.ly/2PBEO3t>. Acesso em: 9 ago. 2020.



STUMPF, Ida Regina C. Pesquisa bibliográfica. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (Orgs.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, p. 51-61, 2010.

Original recebido em: 16 de outubro de 2021
Aceito para publicação em: 17 de dezembro de 2021

Tadeu Rodrigues Iuama

Doutor em Comunicação pela Universidade Paulista, com pós-doutorado pela Universidade de Sorocaba. Membro do Grupo de Pesquisas em Narrativas Mídiaáticas (UNISO/CNPq) e líder do Grupo de Pesquisas em Mídias Lúdicas (UNISO/CNPq).

Miriam Cristina Carlos Silva

Doutora em Comunicação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, com pós-doutorado pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Líder do Grupo de Pesquisas em Narrativas Mídiaáticas (UNISO/CNPq) e membro-fundadora da Red Pachamama de Mitocrítica Latinoamericana.



Esta obra está licenciada com uma Licença
Creative Commons Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 Internacional

